

CINE-JORNAL

ANO I-N.º 51—5 DE OUTUBRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



PAULETT
GODDAR



A 19: O número comemorativo do 1º Aniversário de «CINE-JORNAL»



Lionel Barrymore recebe, no estúdio, a visita do viúvo de Tomas Alva Edison, o grande sábio americano.

AS ACTUALIDADES CINEGRÁFICAS E A HARMONIA NOS LARES

O cinema possui, como tudo na vida, o seu lado bom e o seu lado mau. Sobretudo as actualidades. Aquela centena de metros que geralmente vemos correr com prazer, que nos põem em contacto com os confins do mundo, tão depressa lançando o espectador em plena pampa americana como nas idílicas florestas alemãs, têm sido já origem de indescritíveis aborrecimentos.

Não que as figuras de Eduardo VIII, Benê ou Kemal Atakurt causem, no desempenho das suas funções oficiais, perturbações na sala de projecção. Trata-se de pessoas demasiadamente simpáticas ao público para que tal aconteça. Ainda menos o «Queen Mary» avançando magestosamente à conquista da «flâmula azul» ou o último modelo de automóvel de corrida. Nada disso.

O segredo dos aborrecimentos está apenas nas grandes aglomerações, principalmente quando elas têm carácter demasiado festivo como o 1.º de Julho em Paris ou os Jogos Olímpicos em Berlim. É nesta massa compacta e ondulante que tudo parece subverter, que temos de procurar o lado mau (para alguns) do cinema. Detenhamo-nos, por exemplo, nos clássicos bailes ao ar livre comemorativos da tomada da Bastilha.

Não admitem que certo marido, amigo de se evadir do lar, possa ser surpreendido pela manivela do operador dançando, na praça Pigalle, com uma loura Gaby, quando a esposa o julga a tratar de negócios no escritório de qualquer respeitável banqueiro? Também não acham que, dias depois, o encantador casual — o marido cada vez mais cínico e ela cada vez mais confiante — vá até ao cinema para se distrair e, às duas por três, a esposa solle um grito de espanto, esbofetete o cônjuge e saia a gritar que foi ignóbilmente atraçoada? Ai temos um escândalo formidável, a luz acesa, os espectadores em pé perambulando com os olhos ainda miopes, os rostos dos desavindos...

Éis o cinema-denunciante, o cinema-desarmonia do lar, adorado apenas pelos advogados em busca de causa. E creiam que não é a primeira, nem a

segunda que acontece. Ainda há pouco, num cinema de Budapeste, exhibia-se na tela um documentário do Carnaval de Nice, quando uma espectadora apercebeu o íntegro espaço entre uma multidão de folgozes. O cinefêla «apertava a cintura duma linda «niçoise» enquanto esta alirava serpentina desesperadamente, fazendo depósito das aligeiras do companheiro.

Chegados a casa, seguiu-se evidentemente outra cena, mas de lágrimas, insultos e desespero. O marido jurava que não era ele, mas sim um «sósia», visto que naquele dia e aquela hora estava em Leipzig, cidade alemã bem diferente da alegre Nice. Ela não o acreditava. Pois se até trazia, bem visível, a gravata que lhe dera no dia dos amos...

Naturalmente intervieram os homens de fogo. Perante o juiz, o leviano marido confessou lóda a verdade, alegando em sua defesa um momento de irreflexão. Porém, a conciliação foi impossível. A esposa atraçoada e vilipendiada insistiu pelo divórcio e ganhou-o. O imprudente amante de aventuras passageiras não teve remédio senão passar a pagar uma importante pensão anual à esposa, na sua qualidade de queixosa, e abandonar o lar.

É bom, pois, que aqueles que se encontram em situações ilícitas empreguem o maior cuidado com a proximidade de quaisquer aparelhos cinematográficos, sobretudo em dias de festa. Porém, no intuito de obter a tal inconveniente, propomos que os operadores, quando tenham de filmar cenas que envolvam possibilidades de revelar o que não deve ser revelado, interroguem a multidão acerca dos que nela se encontram clandestinamente. Prestarão assim um serviço inestimável à harmonia familiar e a paz em geral, digno até do primeiro Nobel.

todavia, a melhor solução seria que os maridos tivessem juízo e cumprissem a lei da fidelidade com rigor idêntico ao exigido, certo dia, a Desdemona pelo feroz e coerente Otelo...

OPERADOR N.º 13

GRANDES ARTISTAS NOS ESTÚDIOS FRANCESES

Enquanto Charles Boyer, Simone Simon e Annabella filmam em Hollywood, a França lança mão de artistas estrangeiros, para interpretar os filmes em curso.

Assim Erich von Stroheim abareceará no filme de espionagem *Marthe Richard*; Sessue Hayakawa, o célebre actor japonês, encarnará *Yoshiwara*, segundo um argumento de Dekobra, que se desenrola em Tóquio, no bairro das *Geishas*; John Barrymore e Adolfo Menjou, por seu turno, interpretarão, no lado de Edwige Feuillère, *Maxime*, de Duvernois.

CONTRA O PROGRAMA DUPLO

A Warner Bros fez recentemente um in-útil, para estabelecer as preferências do público na questão que se debate do programa duplo ou programa simples, como forma ideal do espectáculo cinematográfico.

Volaram cerca de 600.000 espectadores. Mais de 300.000 pessoas manifestaram-se contra o programa duplo, alegando sobretudo que a quantidade é um pretexto para abafar a qualidade, e invocando os motivos físicos que não aconselham a visão de dois filmes, a seguir.

Quando por toda a parte se esboça um movimento do cinema, em legítima defesa, contra o programa duplo, as nossas salas de reprise estão enveredando decididamente pelo programa-triplo...

Eslaremos em véspera de ver quatro filmes de grande metragem por programa?...

AS CANÇÕES DOS FILMES E A RADIO

Motion Picture Herald, no seu último número, publica a extensa lista das canções de filmes mais vezes tocadas nas emissoras americanas, durante doze meses da época de 1935-1936.

Damos os títulos das dez primeiras, fazendo-as seguir dos nomes dos filmes a que pertencem e do número de vezes que foram tocadas:

	Veze
1 — <i>When I grow too Old to Dream</i> (The Night is Young)	29.161
2 — <i>I'm In the Mood for love</i> (Every Night at Eight) ...	28.537
3 — <i>Im a Little Gypsy Thea Room</i> (Gold Diggers of 1936)	25.228
4 — <i>Lullaby of Broadway</i> (Gold Diggers of 1935) ...	24.864
5 — <i>Cheek to Cheek</i> (Top Hat)	24.134
6 — <i>Wal's the Reason I'm Not Pleasing You</i> (Roberta)	23.944
7 — <i>I'll never say «never again» again</i> (Roberta) ...	23.775
8 — <i>And ther Some</i> (Roberta)	23.698
9 — <i>I Won't Dance</i> (Roberta)	22.873
10 — <i>Lovely to look at</i> (Roberta)	22.666

MARLÈNE JÁ COMEÇOU «FUGITIVOS»

Festejou-se, há dias, nos estúdios de Denham, a primeira volta de manivela de *Knight Without Armor*, que, entre nós, se exhibirá com o título de *Fugitivos*, filme que Jacques Feyder dirige e que Marlène Dietrich e Robert Donat interpretam.



Fronchot Tone e Grace Moore, em «Amores de Príncipe», o novo filme do famoso divo.



Rosalind Russell, a vedete que mais vezes apareceu na tela, neste início de temporada. Vimo-lo em «Código Secreto» e «Tinha que acontecer» e vê-lo-emos em «Sob as duas bandeiras».

O FOGÃO DE CLAUDETTE COLBERT

Claudette Colbert é uma excelente dona de casa. Pacientemente, com carinho até, procura mobilar a sua casa — e fazer dela um todo encantador. Chegou a ir a Nova-York procurar antiguidades, para a adornar. A casa que mandou construir aprontou-se. Tinha tudo aquilo que podia desejar.

Claudette começou a sua inspecção. Quando chegou à cozinha perguntou à criada se estava satisfeita com os seus domínios e se não faltava nada.

— Está tudo ótimo! Direi até perfeito, se a senhora se não tivesse esquecido de comprar o fogão!...

Os novos filmes da Metro-Goldwyn-Mayer, para a época de 1936-1937

A Metro-Goldwyn-Mayer, por intermédio da sua agência em Lisboa, acaba de nos comunicar o novo lote dos filmes que serão distribuídos em Portugal, na época presente.

São eles:
 «São Francisco», de W. S. Van Dyke, com Clark Gable e Jeannette Macdonald.
 «Liobely Lady» de Jack Conway, com Jean Harlow, William Powell, Myrna Loy e Spencer Tracy.
 «Old Hutch», de Walter Ruben, com Wallace Beery e Cecilia Parker.
 «The Devil is a Sissy», de W. S. Van Dyke, com Freddy Bartholomew, Jackie Cooper e Mickey Rooney.
 «His Brother's wife», de W. S. Van Dyke, com Barbara Stanwyck, Robert Taylor e Jean Hersholt.
 «Champion Chumps», de James Horne, com Stan Laurel & Oliver Hardy.

«Unguarded Hours», de Sam Wood, com Loretta Young, Franchot Tone e Lewis Stone.

«Our Relations», de Harry Lachman, com Stan Laurel & Oliver Hardy.
 «Born to dance», de Roy del Ruth, com Eleanor Powell e James Stewart.
 «Piccadilly Jim», de Robert Z. Leonard, Madge Evans e Frank Morgan.
 «Suzy» de George Fitzmaurice, com Jean Harlow, Franchot Tone e Cary Grant.
 «Devil Doll», de Tod Browning, com Lionel Barrymore e Maureen O'Sullivan.
 «The Longest Night» de Erroll Taggart, com Robert Young e Florence Rice.

Segundo nos informa ainda a M.-G.-M., esta lista inclui alguns filmes, ainda em realização — pelo que, desta forma, a produção da Metro fica absolutamente actualizada no nosso País.

«Enterrai os mortos» O caso dia do cinema!

A peça *Bury the Dead* (*Enterrai os mortos*), está fazendo, actualmente, um êxito louco nos Estados Unidos. Em Nova-York é difícil arranjar um lugar para assistir ao espectáculo. Em Hollywood, montada por um teatro sem recursos, muito embora não fizesse o êxito esperado, a verdade é que todos se convenceram de que havia ali um filão a explorar.

O assunto é a próxima (?) guerra: seis soldados, mortos, recusam-se a deixar-se enterrar. Ante êste milagre, a religião, a lei, e a força militar consideram-se impotentes. Por fim, em lugar de aceder à súplica das respectivas mulheres, amantes e mães — os cadáveres abandonam a trincheira para gritar aos outros soldados e aos civis a loucura da mortandade.

Em Hollywood, numerosas personalidades da tela interessaram-se pela obra. Frederick March, sua mulher, Florence Eldridge, e o realizador Jack Conway, fizeram uma leitura pública. James Cagney, March, Oreslow Stevens, Lionel Stander e dez outras vedetas ofereceram-se para encarnar os papéis da aludida película, mas, à última hora, sucessivamente, foram-se desligando dos compromissos, ora porque os contratos com as firmas não lhes permitiam a satisfação daquilo a que se haviam obrigado, ora porque eram forçados a deslocar-se, ora ainda porque os seus mentores os haviam convencido a não dar a sua adesão a uma obra tão arrojadamente pacifista. Anuncia-se agora que Alexandre Korda está em negociações para adquirir os direitos da adaptação à tela de *Enterrai os mortos*.

Sabe-se, com efeito, que a organização Hays recusou o seu visto (tal como sucedeu com o romance anti-fascista *It can't happen here*, que obteve o prémio Nobel). Afirma-se — tudo permanece no vago — que Frederick March se ofereceu para desen-

penhar o papel é que John Ford fez propostas para o dirigir.

Irwin Shaw, o autor, que trabalha, agora, como argumentista, na R. K. O., teria sido encarregado, ao que se diz, de fazer, desde já, a adaptação à tela da sua peça.

ITENERÁRIO

W. Somerset Maugham, o grande dramalurgo de *Ciclone* e outras peças igualmente célebres, falava noutro dia das suas viagens. Evocava uma pequena ilha do Pacífico, onde as tempestades se sucedem 365 vezes por ano.

Maugham, certa vez, conta que perguntou a um colono, determinado caminho. O outro, imperturbável, respondeu:

— Olhe! Siga a direita. Tome pela primeira avenida à direita e corte pela terceira à esquerda...



Morikka Rokk é uma atleta consumada e prova-o, nesta foto, à evidência

A primeira volta de manivela do novo filme de Leitão de Barros

Quando esta revista vier o lume deve ter-se dado já o primeiro volta de manivela do novo filme de Leitão de Barros, que primitivamente se chamou «Maria Migalha», depois «Maria Papoila», para ficar sendo, ao que parece, «Cinco-Réis de Gente».

A não ter surgido qualquer motivo imprevisto, o início das filmagens do novo filme do realizador de «Bocage», e que tem Mirita Casimiro, como protagonista, deve ter-se efectuado ontem, no decurso dum festival na Piscina de Algés.



Os aniversários de Chester Morris e do realizador Edwin L. Marin, foram comemorados no mesmo dia. À festa, assistiram Katherine Alexander e Benita Hume, que figuram na foto abaixo.

Christian de Caters, acompanhado de dois técnicos da "Fox", está em Portugal, para filmar um documentário sobre o "Port-Wine"

TENHO por hábito e costume, durante os meses de verão que passo em Lisboa, ir com alguns dos poucos amigos que possuo até bordo dos navios que se encontram atracados, passar estas noites lisboetas dum banalidade extrema e extremamente fastidiosas.

A pesar-da nossa imaginação, que inventa e cria distrações inéditas, vi-mo-nos, por vezes, envolvidos pelo tédio que inunda constantemente a vida desta cidade simpática.

Eu, que sou nacionalista por inteligência e temperamento, fujo durante algumas horas para bordo d'esses paquetes que sobem o Tejo lentamente, pois sinto-me bem entre gente que não pensa no ridículo, que ri e canta sem pretensão, que é desempoçada e não cheira a Pires e a Soisas. É insuportável passar-se uma noite ali no Parqu Mayer, sentado a uma mesa da «Favorita», a beber café e a conversar com uma senhoreca tão estúpida e ordinária como a criada que temos lá em casa, ou a beber «whisky» num dos nossos «dancings» — os «cánicos «dancings» do mundo onde as pessoas se aborrecem», segundo a opinião dum amigo meu, conhecedor do meio.

Ora, quarta-feira passada, fomos até a bordo do «Cap Norte», onde bebemos ótima cerveja, ouvimos criticar ásperamente a política do sr. Blum e vimos umas encantadoras miuditas alemãs fazer mil e uma tropelias simpáticas. Falava-se muito no facto do navio não ler tocado em Vigo como estava no itinerário.

As tantas, conhecemos no bar Christian de Caters, velho amigo de Portugal, que tem sido freqüentes vezes nosso hóspede e que veio acompanhado por dois técnicos da «Fox», para filmar uma película sobre a região do Douro.

Foi assim, por acaso, que me sugeriu o artigo que vou escrever.

Como nos conhecemos

Christian de Caters ouviu-nos falar português e como desde 1925 até 1936 já esteve seis vezes em Portugal, conhece um pouco o nosso idioma. Foi por este motivo que iniciámos a conversa.

Dentro em minutos a conversa fútil de bar transformou-se em entrevista em forma, pois ao ter conhecimento do assunto que motivava a vinda de Caters senti-me imediatamente jornalista.

Para que a minha sorte fosse ainda mais completa, Christian de Caters é jornalista e escritor e expôs-me tudo aquilo que me podia interessar como bom conhecedor que é do gosto do público.

O filme

Christian de Caters, depois de várias conferências que manteve com o sr

Costa Lima — do Instituto dos Vinhos do Porto — conseguiu estabelecer as cláusulas para a realização dum documentário de 300 metros sobre o vinho do Porto, dando principal relevo à faina da vindima.

Sobre a fabricação e o embarque espera também filmar alguns detalhes curiosos.

O documentário é feito pela «Fox», com a cooperação do Instituto dos Vinhos do Porto.

Para a sua realização mandou a «Fox» o operador K. Freyman e encarregou das tomadas de som W. Steiner, que trouxe um camião da Fox-Movietone (sistema Western Electric).

Esperam realizar o documentário em três semanas. Durante os primeiros sete dias filmarão tudo aquilo que acharem curioso e típico. Depois é que filmam aquilo que for necessário para a boa seqüência das imagens.

É na Régua e arredores que vão colher a maior parte das imagens sobre as vindimas.

Disseram-me também o Instituto dos Vinhos do Porto encarregou uma pessoa de recolher canções regionais sobre as vindimas, que serão intercaladas na película.

Queira Deus, para bem de nós todos, que tenha sido encarregado de tal tarefa o compositor nortenho Armando Leça, que há tanto tempo recolhe pacientemente velhas canções populares que se perdem com a invasão da música bárbara, do fado e das canções de revista.

O filme deve ser estreado na grande exposição internacional que se inaugura para o ano, em Paris.

Um filme sobre as vindimas...

Agora me lembro que li algures, a propósito das *Pupilas do Senhor Reitor*, qualquer coisa sobre o assunto.

E, salvo erro, era o próprio Leitão de Barros que lamentava não ter podido colher mais imagens sobre as vindimas por sobrecarregar demasiadamente o custo do filme. E queixava-se também que as entidades interessadas não lhe deram qualquer subsídio, embora ele tivesse feito algumas edémarches.

O caso que li — ou que me contaram — é mais ou menos assim. É provável que às tais entidades interessadas não agradasse a proposta por se tratar dum filme de enredo e que, portanto, não podia correr em paleias estrangeiras senão em especialíssimas condições. Um filme de enredo e de grande metragem é difícil de colocar como complemento dum programa.

É justificável a atitude. Mas o que não se compreende muito bem é que, depois de Leitão de Barros ter filmado imagens tão felizes sobre as vindimas, se vá entregar a realização dum documentário a estrangeiros.

Só vejo uma explicação: lerem no processo adoptado assegurada a passagem do documentário nos «ecrans» de todo o mundo, devê-lo à organização da «Fox». Mas não seria possível conseguir-se uma distribuição igual ou equivalente, sendo o filme realizado por nós?

Não necessitará o cinema nacional do amparo e do estímulo das entidades oficiais ou semi-oficiais?

Christian de Caters

Christian de Caters é quem dirige o filme. Não pertence à «Fox».

Traz consigo centenas de fotografias curiosíssimas da região durienese e das vindimas. Não vem fazer o filme às cegas. Estudou primeiramente o assunto. Tem também preparado, pela Imprensa, o ambiente para a recepção do filme. Já escreveu alguns artigos sobre as nossas tão características vindimas. Caso curioso: em «Le Jour» publicou até uma crónica em que reproduzia a letra daquela canção das *Pupilas*:

A chita da minha blusa...

Christian de Caters conhece as nossas colónias como poucos portugueses. Já esteve em Macau, Angola, Moçambique, Cabo Verde...

Fêz parte da missão de jornalistas estrangeiros que visitou as colónias portuguesas em 1932, acompanhando a realização dos filmes: *S. Tomé, Escala por Madeira e Angola Pulman*.

Os dois primeiros foram produzidos pela «Ufa» e estreados respectivamente no Condes (?) e no S. Luiz.

O último era da G. M. Film e a realização foi entregue a René Ginot. Não chegou a correr em Portugal em virtude do seu preço exagerado, embora tivesse sido anunciado por H. da Costa.

As imagens, segundo esse anúncio, seriam intercaladas com algumas palavras escritas por Henrique Galvão.

Christian de Caters tem também um romance cuja acção se passa em Angola. Está traduzido em português com o título *O gafanhoto cãr de anetista* e pertence a uma colecção de livros policiais.

E para as actualidades Fox...

E para as actualidades da «Fox», caso o tempo não falte, pensam em colher algumas imagens em Portugal com características diversas.

Algumas paisagens, alguns aspectos com carácter regional, monumentos e entrevistas com as personagens mais em evidência no País.

Eis no que se resume a vinda dos meus companheiros de bar.

E é assim que se arranja um artigo que nem eu esperava nem tão pouco o leitor.

TAVARES FERNANDES

A FUNÇÃO DO CINEMA

O cinema deve ser o panorama da vida. Deve ter um sentido humano. Por outras palavras, deve ser profundamente social.

Social, como expressão superior das manifestações da inteligência, das conquistas do pensamento humano, do porquê da vida e ainda das formas de entendimento entre os homens, das suas relações, dos seus desejos e também das suas aspirações.

Sendo a Arte por excelência é igualmente o meio mais potente para fazer chegar aos confins do mundo as ideias mais vastas e mais complexas para serem simultaneamente compreendidas e assimiladas por todos os humanos.

O cinema é, portanto, o melhor traço de união entre os homens, a forma expressiva mais universalista, mas também mais particular, dos povos.

* * *

Tem-se escrito sobre a função educativa do cinema, pondo-se em destaque o papel importantíssimo que pode desempenhar no cultivo da inteligência: sessões cinematográficas com a exibição de filmes culturais, científicos, etc.

Nós não negamos a eficácia do cinema aprofundado nesse sentido, mas temos a opinião de que a sua grande função educadora reside no «fundo» dos filmes com enredo, com «fios» que envolvam a ideia da vida diária e aproximem as multidões.

Creemos mais na influência decisiva, que tem um determinado filme com «fundo», sobre o espírito do público do que na dum filme em que se resume a apresentar ideias esquemáticas rigorosamente moralizadoras sobre os hábitos humanos e apresentando mecânicamente normas e preceitos de moral.

O poder educativo dum filme reside no seu poder de persuasão pela imagem, mas ligadas estas a aspectos e facetas da vida corrente, da qual se arrancam, como pedaços da existência, lições que se fixam para sempre na nossa retina e no nosso cérebro.

A lição dos factos, tirando-se deles as suas consequências é mais decisiva e penetrante, nas massas, do que as normas retóricas que se apresentam já com a etiqueta disso mesmo, de normas educativas.

* * *

A acção educativa do cinema reside no poder da sua influência sobre as vastas multidões que veem assistir à projecção dum filme, esperando emocionar-se, viver, e gozar com as imagens que se vão projectando na tela. O filme que consiga fazer ver uma ideia sobre a vida, um princípio de aproximação entre os homens, um sentimento de beleza e de elevação, uma ideia de Arte, que consiga, enfim, plumar uma aspiração, não mobilizará maior sector da opinião pública do que aquele outro filme a que se chamou «educativo», mas que apresenta um «modo» de moral que a todos aparece como anacrónica e bem digna de figurar nos códigos de moral dos nossos avós?

O que educa num filme, deve desprender-se subtilmente das acções das personagens, do movimento das imagens, do «lipo» das personagens e ainda do jogo em que estas se empenham.

O conjunto do filme tem de desenvolver-se naturalmente, simplesmente, com uma sucessão lógica dos acontecimentos, mas enquadrando a acção num cenário natural, sem falsear a verdade. Do filme desprender-se-á o subor acre da lula pela vida, da presença e da co-existência dos homens fixando exemplos, imagens do presente, mas — e é esta a condição indispensável — abrindo uma ampla janela para o futuro.

(Conclui na pág. 12)



*arline
judge*



*joan
crawford*

*e
weissmuller*



nas suas piscinas

A NOVA TEMPORADA PROMETE

DAMOS hoje a última relação dos filmes a exibir na época agora aberta tão auspiciosamente.

Trata-se de produções distribuídas pela Paramount Filmes e pela Continental Filmes, L.da, que representa a First National e os Warner Bros.

* * *

Da extensa lista de filmes Paramount destacam-se, pelo menos, cinco grandes produções. São elas:

Desejo—com Marlène e Gary Cooper. O desejo é nosso... de ver os dois grandes comediantes. Marlène, com ou sem «sex-appeal», é sempre uma grande artista. Gary Cooper soube criar um tipo de homem moderno, de talhe americano e verniz europeu, assaz curioso e real. Acima de tudo é um esplêndido actor.

A Filha do Bosque Maldito—Além do filme ser colorido, uma outra surpresa é reserva: ver de novo a simpatíssima Sylvia Sydney que nos habituámos a admirar desde o seu consagrado êxito das *Ruas da Cidade*.

Noite Triunfal—Como todas as noites de Kiepura...

A Noiva que Volla—Claudette Colbert no auge da sua vertiginosa carreira. Ainda bem que volta.

Xangai—Tem esplêndido elenco: Charles Boyer, Loretta Young e Warner Oland. O meio é fotogénico: mistério e dinamismo. Warner Oland, o Charlie Chan tão nosso conhecido, interpretará o Oriente; Boyer e Loretta Young, o Amor. Deve ganhar o amor porque os americanos têm o instinto da justiça...

* * *

Nos saudáveis-filmes de cow-boys veremos em competição William Boyd e Buster Crable: a ver qual dos dois tem pontaria mais certa, punho mais forte e melhor calção. Alguns títulos: *Vida e aventura, Olhos de ágata, A última testemunha, O Sinal do Fogo, etc.* Que saudades do Texas Jack!

De Sylvia Sydney teremos ainda mais interpretações, em *A Fugitiva* e *Juventude Triunfante*. Vamos ser compensados da ausência que nos fez na temporada passada.

Carole Lombard, a insinuante loira, aparecerá em *Candidata a milionária*, papel muito a seu gosto, e em *Concertina*: duas comédias à boa maneira americana.

Sonho eterno é um drama (é perigoso sonhar) com Gary Cooper e mais Ann Harding e Ida Lupino.

Cary Grant que ainda não teve ocasião de mostrar quanto vale, faz agora exame perante o nosso público em duas produções: *A última avançada* e *Aqueles olhos negros...* que devem ser os de Joan Bennet.

Dois dramas fortes: *O Homem sem rosto* com Frances Drake e *Paz na Guerra* com Randolph Scott e Margaret Sullivan. Desta actriz que veremos também *Vivendo na lua*.

Paz na Guerra, Vivendo na lua... não será piada à Sociedade das Nações?

Homens sem nome—Um diles chama-se Fred Mc. Murray, por mais paradoxal que isto pareça.

John Boles fará ouvir a sua apreciação da voz em *A rosa do rancho* que vem a ser a Gladys Swarthouth.

E é com estas e outras que a Paramount continua as suas gloriosas tradições.

* * *

A Continental irá contribuir muito para que a época deixe saudades aos cinéfilos. Senão vejamos:

Pabst, o grande realizador alemão,

desapareceu injustamente do nosso país depois do *Don Quixote*. Não era compreensível que isso se desse, pois que havíamos recebido de braços abertos a *Crise*, a *Atlântida* e tantos outros filmes seus. E isto de novo entre nós dirigindo *Um Herói moderno* que Richard Barthelmess interpreta.

Paul Muni, o do *Scarface*, é outro reaparecido. Vê-lo-emos a interpretar *Pasteur*, filme de excepcional envergadura e título prometedor. Também actuará em *Doutor Socrates* e no *Inferno Negro*.

Outro filme de grande categoria: *O Capitão Blod*, com Errol Flynn.

OS

FILMES DA SEMANA

CÓDIGO SECRETO (Rendez-vous)—Realizador: William K. Howard. Intérpretes: William Powell, Rosalind Russell, Harvey Stephens, etc.—Foi o filme que inaugurou a temporada no «São Luiz» e em Lisboa. De excelente factura técnica, diverte e emociona, através dum enredo, até certo ponto original e bem urdido! O velho figurino dos filmes de espionagem foi depurado e rejuvenescido, e, assim, *Código Secreto* logrou conquistar a decidida simpatia da plateia exigente do «São Luiz».

É um filme para agradar a todos os sectores de público. William Powell, admirável—como sempre! Rosalind Russell, artista singularmente distinta, cria um papel «à Myrna Loy», prova de exame difícil, de que se saiu muito bem.—M. A.

(Produção Metro Goldwyn Mayer; Estreado no «São Luiz»).

A PEQUENA REBELDA (The little Rebel)—Realizador: David Butler. Intérpretes: Shirley Temple, John Boles, Jack Holt, Karen Morley, Bill Robinson.—Seguindo o exemplo da época anterior, *Odéon* e *Palácio* abriram a temporada com dois artistas que ganharam popularidade no grande público. A pequena Shirley volta a animar as nossas telas, com a sua graça infantil e candura de criança amorosa.

A pequena rebelde, cuja acção decorre no tempo das lutas entre os *yankees* e os *Confederados do Sul*, pela liberdade dos escravos, é um filme feito à maneira americana que David Butler realizou com segurança e onde abundam os bocados de bom cinema.

Shirley Temple mostra-se na pujança do seu talento, encarando a câmara com um à vontade admirável e prendendo a plateia, quer com as suas cenas de ternura, quer com as suas facécias agarotadas e ingénuas. Volta a dançar com Bill Robinson, um negro simpático, que é um belo sapateador. Quanto a nós, *A pequena rebelde* é o melhor filme da encantadora Shirley Temple.

As restantes personagens valorizam a produção com correctas interpretações.—A. F.

Estreado nos cinemas «Palácio e

«Odéon». Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal.

CHARLIE CHAN EM XANGAI—Realizador: James Tinling. Intérpretes: Warner Oland, Irene Hervey, Russel Hicks, Charles Locher.—Os filmes de Charlie Chan já têm um público certo que se delicia com as aventuras policiais do simpático detective.

Warner Oland leva-nos, desta vez, para Xangai, onde a sua argúcia logra descobrir uma tenebrosa quadrilha de contrabandistas de ópio, que não hesitava em perpetrar os mais misteriosos crimes, para ver facilitado o seu tráfico.

O argumento está recheado de lances imprevistos, bons «trucs» policiais, não lhe faltando os motivos de graça.

James Tinling realizou o filme ao sabor do público amante das histórias policiais. Interpretação valiosa a de Warner Oland, sendo bem acompanhado pelo elenco restante.

Digno de menção o *Tapete Mágico* da Fox, com uma esplêndida reportagem sobre Londres.—A. F.

Estreado nos cinemas «Palácio e «Odéon». Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal.

A MULHER DAS PEROLAS (Whipsaw). Realizador: Sam Wood. Intérpretes: Myrna Loy, Spencer Tracy, Harvey Stephens, etc.—Eis um belo filme! Belo pela perfeição técnica, pela concepção, pelo desenho geral—e pela interpretação. Dá gosto ver fazer cinema dêsle quilate e representar como Myrna e Spencer Tracy.

A novela da rapariga, cúmplice, pela força, dum quadrilha de aventureiros internacionais, que a perseguem por toda a parte, tem um interesse empolgante, para o público.

Depois, o filme desenrola-se serenamente, com uma facilidade, uma riqueza de expressão que surpreende! É uma ohar de mérito, que se impõe, e que não hesitamos em recomendar ao público, e sobretudo aos cinéfilos, que se entusiasmarão com o virtuosismo americano, sobejamente expresso.—M. A.

(Produção Metro Goldwyn Mayer; Exibido no «São Luiz»).

Uma revelação: Bette Davis—1.º prêmio da interpretação feminina, concedido pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood estreia-se em Portugal em *A Intrusa* (Dangerous).

Uma outra grande interpretação feminina: Dolores del Río na figura da Dubarry, em *Hatna sem Trono*. Dela também veremos *Sangue Ardente*, título que parece feito de propósito...

Kay Francis, a interessantíssima americana, encontra um papel à altura do seu valor em *O Anjo Branco*, filme que a crítica americana recebeu entusiasticamente.

Embora cada qual guarde a sua personalidade artística, Kay Francis, Mirna Loy e Rosalind Russell formam uma encantadora trindade.

Kay Francis entra ainda na comédia *És doido mas quero-te*.

* * *

Todos nós sabemos muito bem o que é uma revista cinematográfica americana: um delicioso «cock-tail», uma apoteose constante; por isso a uma delas se chamaram *Mil Apoteoses*. Nela se estreiam entre nós dois grandes artistas: Ruby Keeler e Dick Powell, os quais também veremos na comédia musical *Começou num automóvel...*

O Cabaret das Mil maravilhas é o título de uma outra revista que tem como primeiras figuras: Al Jolson, Kay Francis, Dolores del Río e Dick Powell. Deve ser na verdade um animadíssimo cabaret.

Temos ainda a ver mais duas revistas de grande espectáculo: *Falenas douradas*, com Joan Blondell, Dick Powell e Ruby Keeler, e *Música e mulheres*, com Bette Davies e William Powell, num género muito diferente daquele a que estamos habituados a vê-lo.

* * *

A aviação, que já faz correntemente 400 quilómetros à hora, é um assunto dinâmico por excelência... Por isso o Cinema o aproveita «com ambas as mãos».

James Cagney é o intérprete dos filmes: *Os Doidos do Ar* e *Entre Nuvens*. Também o veremos em *Tumultos*.

Um outro género cujo interesse não se esgota: o policial.

Assim teremos: *A Chave*, com o consagrado William Powell, o im perturbável; *Os Homens «G»*, que constituem a tropa de choque contra os fóra-da-lei, interpretação de James Cagney, e ainda *Guerra ao Crime*.

* * *

Comédias musicais: *O Gândoleiro de Nova York*, interpretado por Dick Powell e Joan Blondell. O título é singular...

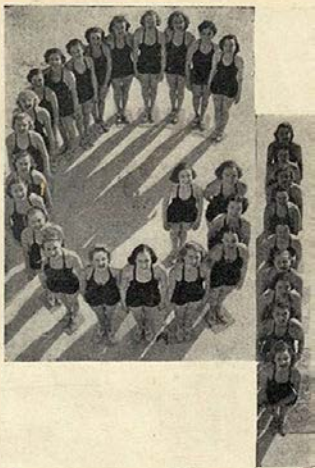
Bela sem senão... é a gentilíssima Marion Davies.

A Tua Canção, com a conhecida Irene Dunne.

Adversidade, filme histórico com Frederick March; *Luzes da China* com Pat O'Brien e *Um Homem de 40 anos* com Mary Astor, são duas comédias dramáticas; *O Sol na Vida*, comédia com Dick Powell... enfim, é um nunca acabar de surpresas, que durante algumas semanas fomos devassando nas colunas de *Cine-Jornal*.

Cremos estar suficientemente justificada a afirmação de que a temporada 1936-37 é, sob todos os pontos de vista, francamente prometedora...

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



e ainda outros pormenores pertencentes à análise microscópica.

* * *

As principais propriedades químicas são: transformar o dinheiro dos admiradores em dinheiro delas, dinheiro delas em automóveis e os automóveis em desastres.



beça em Hollywood e as pernas em Broadway ou vice-versa. Aquela que consegue pôr a cabeça e as pernas no mesmo sítio — triunfa.

Triunfar quer dizer: andar uma quantidade de tempo a dar às pernas para traz e para diante, surgir apenas nuns metros de filme à espera que a notem, para subir e atingir lugares mais altos.

* * *

Enquanto o maior terror de certas senhoras são as borboletas à noite, o



terror da *girl* são as varizes, de dia ou de noite. Nessa allura — pronto, acabou-se, reforma.

* * *

Tendo em vista o caso daquele famoso político inglês cuja filha quis ser *girl*, podemos concluir que a propaganda eleitoral deve ser feita em fato de banho.

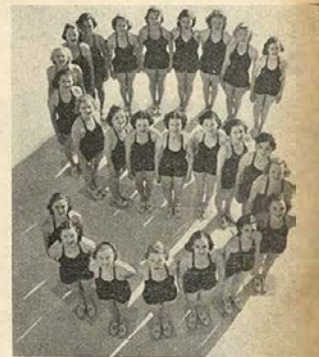
E a propósito de fato de banho dei-

xem-me perguntar uma coisa: em que se parece uma *girl* com um guarda nocturno?

* * *

Na opinião de várias pessoas entendidas, o que há mais parecido com uma *girl* é uma pescada.

Em primeiro lugar, porque a *girl* antes de o ser já o é. Em segundo, porque pertencem à mesma categoria zoológica. Depois, porque ambas se arrepiam. Além disso, são ambas pescadas (o anzol é que varia). E, finalmente, porque tanto a pescada como a *girl* são «escamiáveis» — sendo uma *girl* «escamada» a maior calamidade que pode cair sobre a terra depois



duma praga de «gafanhotos» (produto do acalorado da discussão).

* * *

Cá na nossa terra, como *elas* não se parecem nada com *girls*, costumam, nas revistas, metê-las no número das batas e do feijão carrapato para, assim varem pescadas. Mas não resultam: ou ficam no tipo bacalhau, daquele muito sequinho, ou no do tamboril.

Por isso os resultados estão à vista: anda tudo à procura *delas* e ninguém as encontra, graças ao disfarece.

* * *

Falando d'este assunto, duas coisas devemos distinguir: o que é o corpo das *girls*, e um corpo *das mesmas*.

O corpo *delas* é assim uma coisa que todos nós conhecemos (de vista), género «está boa muito obrigado e recomenda-se», tipo automóvel aerodinâmico, etc... e lal.

* * *

Um corpo *delas* é o mais prodigioso fenómeno que anda a boiar cá ao cimo da terra.

Realmente, não sei, se já repararam que um corpo *de girls* é um conjunto de raparigas que têm gestos, atitudes e posições coordenadas, previamente estabelecidas. Que obedece àquele conjunto de massadas chamadas «marcações». Que, durante cinco, dez minutos, um quarto de hora que dure um bailado, é dominado por regras fixas, por um ritmo que tem de suportar.

E, afinal, a domesticação da mulher!

Eis aqui as afinidades dos amestradores de cãesinhos e os ensaiadores de *girls*: ambos domesticam para servir o público, ambos fazem dar certos pulinhos, determinadas voltas. Mas, antes de se conseguir tal, que trabalhos são precisos?

* * *

O homem que teve pela primeira vez a ideia de conseguir um grupo de raparigas a virar as pernas para o mesmo lado, a respeitar a «marcação», o homem que se lembrou das *girls* — foi o Ziegfeld.

Agora, sobre a vida *dêle*, fizeram um

CHAMA-SE *girl* à molécula desagregada dum corpo (corpo de *girls*) cujo estado normal é o fato de banho.

* * *

As propriedades físicas da *girl*, mais importantes são:

A *força atractiva* que está na razão directa da proximidade dos corpos e na inversa dos centímetros de tecido que tem em cima da pele.

A *força repulsiva* que é directamente proporcional a carga óssea ou adiposa e inversamente à proximidade do tipo: Vênus-Séc. XX.

Convém notar, para boa elucidação, que tanto a *força coesiva* como a *repulsiva* trabalham ao contrário das leis da física: — a primeira com o calor a segunda com o frio, mau cheiro da boca

Além disso, a *girl* adora a marulad., não se rala nada de ir para St. Moritz na temporada «chic» e tem a mania de ir vestir o fato de banho a propósito de qualquer coisa.

* * *

Uma *girl* fora do seu corpo (corpo de *girls* já se vê) é como um polícia a paisana. Se andar a passear na cidade tembra um polícia secreto. Simplesmente o polícia secreto conhece-se logo à primeira vista e a *girl* nunca se distingue.

* * *

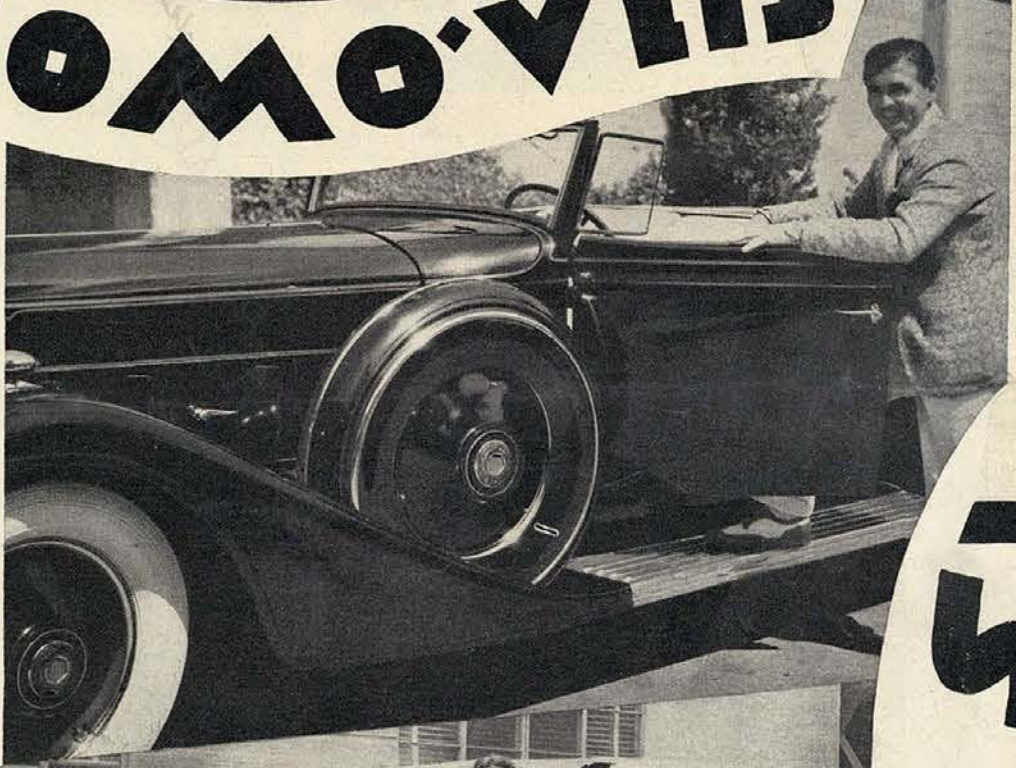
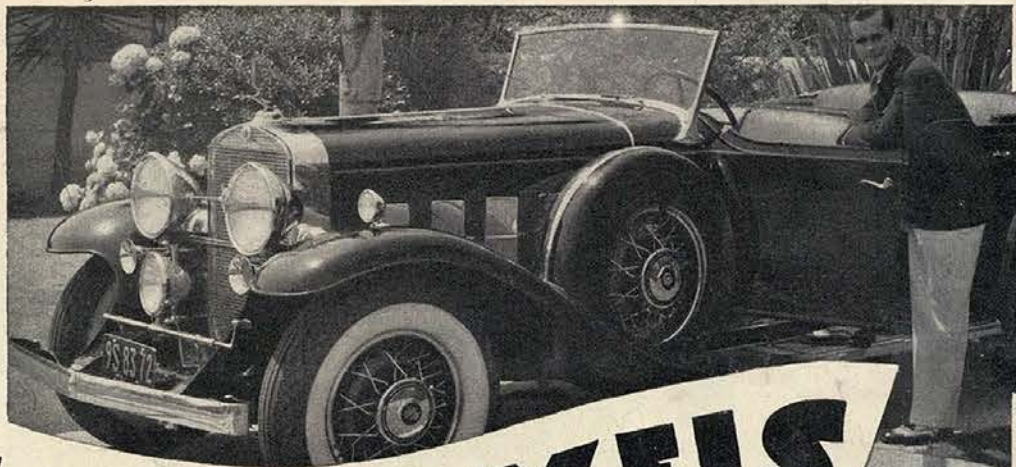
Na América, qualquer *girl* tem a ca-



Mesmo quando envergam os pesados fatos do côrte de Mario Stuart os «girls» não perdem o seu encanto...

(Continua na pág. 15)

OS AUTOMÓVEIS



NA América, como é do domínio público, o automóvel não é o objecto de luxo e ostentação que muitos consideram, nesta Europa anciã, em matéria de preconceitos e rotinas contra o progresso. Na América, o automóvel é um instrumento de trabalho, um acessório indispensável da vida do homem, nas metrópoles gritantes, nos planícies sem fim, nos ranchos extensíssimos, em todos os locais enfim, que têm o rótulo mágico: U. S. A.

Um automóvel nos Estados Unidos, não é o índice que permite avaliar a fortuna de cada qual, como sucede do lado de cá do Atlântico, e, nomeadamente, neste «jardim da Europa à beira-mar plantado».

Muito embora conserve o seu valor relativo, de marca para marca, e categoria para categoria — o seu valor real, em relação à economia privada, sofre uma depreciação considerável.

«Produto» criado e vendido no país de origem, sem ser onerado por taxas alfandegárias e contribuições dispendiosas — o automóvel, no América inteiro, é um veículo acessível, que está para cada «yankee» como o bicicleta está para o português.

Se correremos, com efeito, o nosso país, de norte a sul, ficaremos admirados da quantidade de bicicletas que cruzam os

ossos estrados. Os vendedores ambulantes, as pequenas proprietários, os burgueses, todos covolgam, galhardamente, «o seu máquina», como dignos émulo dos «heróis nacionais» do pedal...

No América, em lugar das estafantes veiculos de duas rodas — vê-se o Ford deselegante e prática, feito em série.

Em Hollywood, é outra laíça. Os Rolls, os Grahams, os Lincolns dominam.

São os automóveis das vedetas. E vejam, com franqueza, se concebem Greta Garbo dentro dum Ford velho, muito embora a publicidade — é preciso apregoar as suas excentricidades... — nos pretendo convencer, de que é o seu carro favorito?! E admitem Glark Gable num velha «Renoult», de matricula antiquoada, daqueles que se engasgam de instante o instante? E Marlene, o loira Marlene, ficaria bem dentro dum «Austin» pequeno?

As vedetas, pela sua condição de vedetas, não se podem nivelar aos restantes mortais. Os seus carros têm, por isso, de se distinguir dos dos restantes, sobretudo pela originalidade, pela novidade das modelas e pelo riqueza dos tipos apresentados.

Por outro lado, as grandes magnatas da indústria americana sabem quanto vale, sob o aspecto publicitário, uma vedeta preferir determinado marca. E assim não só lhes oferecem carros das melhores modelas, como ainda lhes pagam, para preferir esta ou aquela marca.

For-se-iam assim negócios interessantes, se os empresários, que têm os artistas sob contrato, não intervissem com cláusulas bizarras. A maioria das vedetas do tela nem sequer tem o direito de escolher o automóvel que lhe agrada.

Há interesses em jogo, ligando o cada empresa produtora determinada fábrica de automóveis. Depois, o exploração publicitário de certos artistas é da conto do firmo contratante — e lá se vai o negócio que aqueles poderiam fazer, à custo do seu rnome.

Como aliás já aqui foi referido neste jornal, contam-se às dezenas os artistas que não podem guiar, porque os seus contratos isso lhes proibem. São os julgados «preciosos» pelos estúdios, são aqueles cujo inactividade total ou temporária redundaria num autêntico desastre.

Nesta página, entretanto, verão algumas vedetas célebres, com os seus carros — e só não juramos que os contratos respectivos lhes permitam utilizá-los!

ROSA MARIA

LEWIS STONE

NÃO há nenhum freqüentador de cinema que desconheça, o rosto austero de Lewis Stone, o veterano da tela, o homem que mais filmes tem interpretado desde que o cinema é cinema.

Tem sido tudo, ante a câmara. Foi galã, nos tempos recuados em que ainda não embranquecera. Foi ator de composição em comédias, em filmes de «cow-boys», em dramas tenebrosos. Viveu as grandes figuras da História, nas sumptuosas reconstituições levadas a cabo pelos americanos. Foi imperador romano, general ateniense, escravo de Sparta, jogral mediéval, guerreiro escossês e general de Napoleão. Foi comandante de veleiros, chefe de polícia, milionário arruinado, «sheriff» inlemerato, galanteador incorrigível. Comandou barcos de guerra, subiu em dirigíveis, desceu em «para-quadras» — cruzou, enfim, os mil e um caminhos que os mortais pisam neste mundo...

Mas quer fosse «sheriff» em filmes de «cow-boys», galã nos dramas doutros tempos, ou comandante dum galão em luta com os corsários — Lewis Stone foi sempre o apuradado e varonil Lewis Stone dos tempos de hoje, com mais ou menos rugas na face austera, com mais ou menos brancas sobre a sua testa inteligente.

Ontem como hoje, o bravo capitão Smollet da *Ilha do Tesouro* foi sempre a personificação da Dignidade, da Integridade, do equilíbrio e Bom Senso, bem doseados e melhor compreendidos.

Lewis Stone, o «Insubstituível»

Tem uma carreira extensíssima, com uma característica curiosa, única até, nos anais do cinema! Lewis Stone nunca foi uma vedeta — na acepção pomposa e até «comercial» da palavra. Foi, sim, através dos tempos, o mesmo ator correcto, que nunca se notabilizava em criações gigantescas, mas que conservara sempre a sua posição, sem concorrentes a ameaçá-lo, sem estar sujeito àqueles caprichos do público, que ditam a sorte e a morte de tantas estrélas.

O filme era mau? Lewis Stone nunca saía «ferido». O seu desempenho impunha-se, da primeira à última imagem. «Insubstituível», diziam os produtores. E Lewis continuava a trabalhar como dantes: serenamente, com inextinguível correcção. Atencioso, afável, cheio de experiência da vida — uma vida volada ao paleo e à tela! — os novos estimavam-no e os outros queriam-lhe, sinceramente. Na tela como na vida real, Lewis Stone era um fiel, equilibrado, entre o Bem e o Mal, pronto sempre a intervir ante lódas as injustiças de que tinha conhecimento. A sua presença infundia respeito. E que através dos tempos nunca houve ninguém que lhe descobrisse um ponto

vulnerável, para o fazer calar, quando êle verberava procedimentos ou se revoltava contra injustiças.

Na aldeia de Hollywood

Quando Lewis Stone chegou à Califórnia, Hollywood era uma aldeia. Ha-

via galinhas pelos campos, vacas a pastar em prados verdejantes — e a capital da Cinelândia era um «rancho» em ponto grande, cheio de «cow-boys» baruthentos, que viviam sob as vistas benévolas dum «sheriff» gotoso. Aqui e além, o seu armazém de cortumes, e

poços de petróleo, que enriqueciam a terra. Comegava então a falar-se no «cinematógrafo», espécie de curiosidade de feira, que então se encarava sob o ponto de vista industrial. Numa velha garagem, coberta de fôlha de flandres enferrujada, faziam-se «filas». Lewis Stone galã da Companhia Belasco interessou-se pela nôvel arte e desligou-se do Teatro, prêso por uma irresistível curiosidade de ver como aquilo era! Foi nessa allura, depois de haver participado na guerra de Cuba, e antes de tomar parte na Grande Guerra, que Stone fixou residência na Cinelândia. Ainda hoje recorda as grandes caçadas feitas nos prados onde hoje se levantam o «Roosevelt Hotel», nas florestas que deram lugar a Hollywood Boulevard e à sua rêde inextricável de arruamentos — e lembra-se perfeitamente dum lago que existia no local onde hoje se vê o Chinês Theatre.

Era freqüentador do velho «bar» de Jim Jeffries, «boxeur» retirado, e ainda hoje conta aos amigos o acontecimento que constituiu a aparição do seu primeiro automóvel no velho burgo, e que era o 4.º na matrícula geral dos carros inscritos nos Estados Unidos.

Nesse tempo começou. E, de então para cá, nunca mais deixou de filmar, de filmar sempre.

Lewis Stone tomou parte em mais de quatrocentos filmes. Desistimos, por isso, de dar a lista.

Lewis Stone, milionário

Hoje, como é de calcular, tem o seu pç de meia... Em Hollywood, trinta das melhores moradias que se podem ver são suas. Um belo dia, descobriram um poço de petróleo no jardim duma das suas propriedades. Stone mandou arrazar a casa e hoje conta-se ali uma das mais prósperas empresas petroléiras.

Está casado. É um marido modêlo. Tem duas filhas, Bárbara e Virginia, a mais velha das quais é artista do tablado. É modesto, mas não até à sovínice. Anda sempre impecavelmente vestido, sem obedecer a modas ridículas nem pretenciosas.

O tiro é o seu desporto predilecto. Tem magníficas armas de precisão e é um atirador de primeira ordem.

O seu maior amigo é Wallace Beery, companheiro da velha guarda. Sendo amável para tóda a gente — Lewis Stone não se dá intimamente com mais ninguém.

No decurso da sua carreira, fizeram-lhe mil e uma propostas para entrar, na indústria, com capitais. Lewis Stone respondia invariavelmente:

— Sou ator apenas. Não nos atropelamos mutuamente.

Por isso, hoje, é rico, célebre e feliz. Na vida como na tela, a sua acção é um exemplo vivo do êxito triunfal do Bom Senso.

MÁRIO AUGUSTO.



Écos cinematográficos dos Jogos Olímpicos de Berlim



No Exposição de Cinema de Amadores

Pierre Boyer (Paris) — Josef Daimel (Viena) — André Canvin (Bruxelas) — G. Hengl (Viena) — W. Nissler (Berlim) — Vilmas (Budapeste) — Hoevear (Viena) — V. Beer (Prago) — M.^{me} Boyer (Paris) — Fr. W. Frerk (Berlim) — A. Rugby (Budapeste) — Dr. Honsig (Tropon).

DESCREVA a chegada à Kameradschaft der deutschen Künstler» (Club dos Artistas Alemães), quando terminava o nosso artigo anterior. Ali ia, pela primeira vez na minha vida de propagandista do Cinema de Amadores, tomar conhecimento com as grandes personalidades dessa Arte — e aqui, mais do que em qualquer outra modalidade da cinematografia, podemos dizer assim. A instalação da «Kameradschaft», posta à nossa disposição para as reuniões do júri do «V Concurso Internacional de Cinema de Amadores», é magnífica e dispõe de grandes salões, de restaurante, do sala de projecção, de bar, etc., no belo estilo sóbrio da arquitectura e da decoração interior na Alemanha moderna.

Apresentei-me ao grande organizador das festas, o Dr. Hanns Plaumann, secretário do B. d. F. A. (Bund deutscher Film-Amateure), o importante clube alemão de cinema de formatos reduzidos. Já conhecia o Dr. Plaumann de correspondência, pois sou há anos sócio do seu clube de Berlim, e a primorosa organização do concurso e a solicitude que me dispensou, tornaram-me, daí a dias, seu admirador e amigo. À volta dele, os amadores internacionais, cujos nomes já conhecia das revistas: Pierre Boyer, o jovial director do «Ciné-Amateurs», de Paris, cronista de «Pour Vous» e de «Mon Film», por certo o maior propagandista mundial do Cinema de Amadores, com uma actividade de apóstolo, uma fé de amator entusiasta e uma alegria e maleabilidade do espirito de autêntico latino; o engenheiro Jean Vivié, presidente da Federação Francesa dos Clubes de Cinema de Amadores, elegante como um diplomata, também grande amator e técnico do som, apaixonado pelo filme a cores Kodachrome; Mesdames Boyer e Vivié, naturalmente muito amadoras e muito entendidas, enchendo de gentileza e de distinção o ambiente do «hall»; os chocos Beer e Prochazka, flores do rancho, um de barba branca como São Pedro, outro infantil e de voz nasal como um menino constipado; os suíços Weissenberger e Barth, muito risonhos; a equipa húngara sob a presidência do atlético Sczigulinczki, de quem se fica amigo logo à primeira vista; os austríacos Daimel, Hengl e Hoevear, directores do meu clube de Viena, o «Klub der Kino-Amateure Osterreiches», grandes autoridades

mundiais no campo do Cinema de Amadores, os italianos Chiarini e Tomasi, fascistas mais do que tudo; o belga Cauvin, o simpático Jansen, de Rotterdam, Uggla, de Estocolmo, possuidor da bela Cine-Kodak-Special, a câmara profissional para amadores, e outros. Entre os alemães, o Dr. Metzler, presidente do B. d. F. A., Fritz Willy Frerk, director da revista «Der Kino-Amateur», grande técnico dos formatos reduzidos o autor de vários manuais, Loslein, Wunsch (um dos amadores escolhidos por Leni Riefenstahl para a coadjuvarem na filmagem dos jogos olímpicos), o engenheiro Zipfel, e mais alguns. Enfim, a S. D. N. do Cinema de Amadores, como lhe chamou Pierre Boyer.

Após as apresentações, as boas-vindas, o relato de episódios da viagem, tivemos a má notícia da ausência dos filmes japoneses perdidos no caminho, e dos espanhóis, retidos perto da fronteira pela guerra civil. E subimos ao 2.º andar, em cujas salas estava aberta a exposição de aparelhagem cinematográfica. A par de alguns modelos antigos, curiosidades históricas, e dos vários aparelhos, mais ou menos modificados, dos diferentes fabricantes alemães, vimos algumas das últimas novidades. Ali nos receberam os directores ou os representantes da direcção das grandes fábricas Kodak, Agfa e Siemens.

Entre o material exposto, o que despertava maior curiosidade era o «Transfokator», da casa Siemens, adaptado a uma das suas câmaras tipo B. É uma objectiva concebida no género das que usam alguns operadores profissionais americanos — e que os europeus dizem não poderem comprar, tão extraordinariamente alto é o seu preço — e que permite um «travelling» sem que o objecto filmado ou a câmara se desloquem do seu lugar. A objectiva aproxima ou afasta gradualmente o assunto que se está filmando, sem perder a nitidez, mantendo-o em foco. O «Transfokator» Siemens pode passar, durante a filmagem, de 1.^{ra}, 5 do foco a 3.^{ra}, com uma abertura de f 2,8, funcionando como grande angular ou como télé-objectiva. Não tivemos ocasião de ver os resultados do seu emprêgo, e lamentamos. O novo projector «Kodascope Ls», da casa Kodak, que é um exemplo da nova orientação da fábrica Kodak, a de apresentar aparelhos «universais», de excelente mecânica, podendo corresponder a todas as combinações ópticas exigidas, pois são-

-lhe aplicáveis várias objectivas, conforme a distância a que se pretende projectar e o tamanho do «écran», bom como lâmpadas de várias intensidades, segundo as mesmas variantes. Foi com o «Kodascope L» que foram projectados os 32 filmes de 16 ^{mm} que concorreram às várias categorias do V Concurso Internacional, e podemos ajuizar do brilho e uniformidade do seu sistema iluminante, da ausência de cintilação e de ruído, e da magnífica ventilação de que dispunham já os modelos anteriores da mesma proveniência.

Agfa apresenta um novo projector económico, para amadores pouco exigentes de comodidades, o «Movector-Record», na verdade muito barato e permitindo a passagem da vasta cinemateca em filme Ozaphan, onde se encontram películas de todos os géneros, viagens, culturais, infantis, históricas, actualidades, a preços acessíveis.

Apressámo-nos a passar à sala de projecção, onde vimos o novo «écran» metalizado e os projectores sonoros da Siemens, que me pareceram de som excelente. Alguns amadores afinavam a transmissão sonora dos discos que deveriam, no dia seguinte, fazer de acompanhamento sonoro dos filmes concorrentes. Notei mais tarde quanto tinha sido criteriosa a escolha desses discos.

Logo nesta primeira tarde tive ocasião de ver como a organização do Concurso e do Congresso era magnífica. Na Alemanha, o Cinema de Amadores é oficialmente reconhecido como uma organização nacional. Soubemos particularmente que o governo alemão votará a quantia de 60.000 marcos (cerca de 500 contos) para preparar a recepção às duas dezenas de delegados estrangeiros ao 2.º Congresso de Filmes do Amadores.

O B. d. F. A. tom o apoio do organismo central de todo o cinema alemão, a Reichsfilmkammer, uma das 7 secções do Ministério das Belas Artes. Durante os trabalhos, visitas e festas, fomos sempre recebidos e acompanhados por entidades oficiais, incluindo uma amável recepção no Município de Berlim, onde o Alto Comissário do Governo junto da Cidade de Berlim, o Dr. Lippert, nos ofereceu um chá, decorrido entre alegria e música, numa dependência enfeitada com as nossas bandeiras.

E tanto na abertura do Congresso como no seu encerramento, fomos saudados por telegramas do Chanceler Hitler e do ministro da propaganda Dr. Goebbels, exprimindo a sua simpatia pelo nosso movimento e encorajando o Cinema de Amadores a prosseguir na sua obra cultural e de intercâmbio.

Foi então constituído o júri do concurso, dois delegados por cada nação concorrente. Portugal tinha no júri o signatário deste artigo e um amator húngaro, que aceitou a missão de bom grado, pois todos desejavam assistir à projecção dos melhores filmes europeus do último ano, o que só sucederia uma vez.

Em seguida fomos conduzidos à sala de refeições, onde, em pequenas mesas ornamentadas com as cores das nações con-

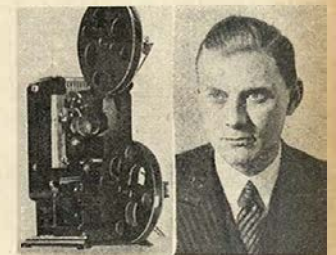
correntes, se realizava o 1.º jantar oferecido pelos organizadores.

E ficou marcado para o dia seguinte, às 9 horas da manhã, o começo das reuniões do júri, onde iríamos ver, em sessões quasi permanentes, de dia e à noite, os 52 filmes de amadores que concorriam.

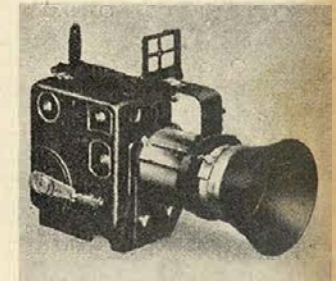
Vamos, no próximo artigo, ver o que eles eram.

ANTÓNIO DE MENESES

(Exclusivo para «Cine-Jornal». Proibida a reprodução total ou parcial, sem mencionar a origem).



À esquerda: O Kodascope L. À direita: O Dr. Plaumann, alma de todo o organização



O Transfokator



Pierre Boyer, que vai ser o grande organizador do Concurso de 1937, em Paris

(Conclusão da pág. 1)

O que pensa sobre o cinema nacional?

Tem a palavra Aquilino Mendes

MUITO se tem dito e muito se tem escrito acerca da cinematografia portuguesa, e apesar disso, nunca é demais debater tão vasta questão. Nas várias campanhas inseridas em diversas revistas e jornais, têm sido apresentadas sugestões tendentes a resolver as maiores necessidades da nossa indústria de filmes. Com estes e outros artigos alguma coisa temos lucrado. Não esqueçamos o velho adágio: *água mole em pedra dura...*

«Cine-Jornal», contribuindo sempre para o engrandecimento da arte das imagens, não podia esquecer tão grave problema. E assim, abriu nas suas colunas um inquérito entre os novos que trabalham no cinema, para que cada um manifeste a sua opinião sobre o actual momento da cinematografia nacional. Três respostas já vieram a lume: a de Mota da Costa, do engenheiro Luiz Verol e do Dr. Felix Ribeiro. Todos eles definiram, com brilho e inteligência, o cinema português, alvirando o que lhes pareceu de justiça. Hoje, podemos juntar mais uma valiosa opinião: a do operador Aquilino Mendes — rapaz inteligente, trabalhador, com condições suficientes para vencer na carreira que escolheu. Aquilino Mendes fez-se à sua custa. Um belo dia comprou uma rudimentar máquina de filmar, estudou-a, realizou documentários que lhe serviriam de experiências, e começou trabalhando sem quaisquer ensinamentos. O seu mestre tem sido a prática. Nunca teve alguém que lhe ensinasse trabalhos de laboratório, e, presentemente, não receia confrontos.

* * *

Encontrámo-lo, subindo a Avenida da Liberdade, a caminho do seu atelier. Fizemos-lhe companhia.

De chofre, desfechamos a primeira pergunta:

— O que pensa sobre o cinema nacional?

Aquilino, franze o sobrolho e com aquela agradável simplicidade que tanto o caracteriza, implice:

— Mas, eu estou sendo entrevistado? Dissemos-lhe a verdade.

Depois duma pequena pausa, obtemos a resposta:

— A meu ver, ultimamente, temos melhorado muito, sob vários pontos de vista. Vejamos um deles: a competência. A prática dá-nos esplêndidos resultados. Como poderíamos, nós, obter bons técnicos de cinema, se eles apenas tivessem teoria? Era impossível. São precisos muitos filmes para que se tirem bons ensinamentos. De película para película, nota-se a grande diferença que todos os trabalhadores fazem.

«A propósito quero, também, dizer-lhes que não sou apologistas dessa velha mania de para cada filme novo, se contratar novas caras. Considero um disparate, porque entendo que uma vez que um intérprete — desde o protagonista ao figurante — mostre possuir qualidades aproveitáveis, deve ser escolhido em futuros trabalhos. Organizem, mesmo, um ficheiro, com os seus nomes e moradas, e não o votem ao esquecimento, como infelizmente, sucede. Dos resultados que daí poderiam advir comparilhariam artistas e realizadores. Os primeiros porque podiam fazer contas com uns possíveis escudos, os segundos porque, uma vez que lidavam com pessoas já acostumadas aos trabalhos de estúdio, podiam obter melhores resultados.

— E você, Aquilino, concorda com a entrada de artistas locais nos nossos filmes?

— Nunca poderei concordar com tal inconveniência. Esta ideia não é só do Brum do Canto, é minha, também. O actor habituado a pisar um palco, rir, raras, raras vezes poderá dar um bom intérprete cinematográfico. Faltam-lhe qualidades e sobejam-lhe defeitos.

— ?
— Querem melhores provas do que essas monomanias de gesticulação e até de falta de naturalidade que tanto caracterizam os maus discípulos da arte de Tahna?

«O artista de cinema não pode ser afectado, nem possuir essa série enorme de defeitos que nós encontramos a cada passo nos cavalheiros a que fiz referência. Lembrem-se disto: o actor de teatro, se é cómico, quando diz duas frases em frente da câmara de filmar, fica à espera das palmas do público; se é dramático, arranja uma voz mais parecida com um trovão do que com a de qualquer mortal. Não esqueço que não há regra sem excepção. E fico por aqui senão matam-me.

* * *

— Já que falámos em intérpretes de filmes, podemos, agora, passar para os técnicos.

— Estou disposto a tudo — diz-nos Aquilino Mendes, com a melhor das resignações.

— Julga, ainda, indispensável a colaboração de operadores estrangeiros nas nossas produções?

— Portugal não tem necessidade de recorrer — pelo menos no que diz respeito a operadores — a técnicos doutros países. Temos provado que podemos produzir trabalho capaz de enfileirar, sem receio, a par do executado pelos nossos colegas estrangeiros. E não nos são dadas as facilidades de que gozamos os técnicos que têm estado entre nós... O estrangeiro, para iluminar uma cena, leva o tempo que julga ser necessário, enquanto «que os patricios», se se demorarem mais um pouco, estão sujeitos a serem chamados à pedra. Não esqueçamos que é preciso considerar a diferença que fazem os materiais com que trabalham uns e os materiais com que trabalham outros. É-nos completamente impossível acompanhar de perto a evolução e aperfeiçoamento de máquinas de filmar, fazendo-nos três ou quatro meses de salários, por ano, ainda com a agravante de recebermos muito menos do que os nossos competidores.

«Eu sei o que nos podem apontar: experimentem a realização de bons documentários ou filmes de actualidades, e terão um lucro compensador.

— Sim, não há dúvida — atalhamos nós.

— Ou talvez não — como diria Pirandello. É muito difícil realizarmos, com continuidade, películas de actualidades. Falta-nos assunto. Dão-se, às vezes, escaramuças que merecem ser filmadas, mas enquanto preparamos o material, são elas reduzidas à expressão mais simples.

— Quere dizer, você, não chegamos a trabalhar?

— Impossível. Não nos dão tempo. «Pelo outro aspecto, a questão é, também, deveras embaraçosa. Os distribuidores não pagam o suficiente para que se possam fazer bons documentários.

Ainda há bem pouco tempo, houve quem tivesse a ousadia de oferecer a um colega meu duzentos e cinquenta escudos por cento e vinte e oito metros de filmes... Em abono da verdade, devo declarar-lhes que comigo nunca se deram tais casos. Contudo, não deixo de os considerar e de pedir para lhes a atenção de quem de direito.

«Sabe o que se torna urgente? «Obrigam os distribuidores, como determina o decreto-lei cujo número não me ocorre, a exhibir documentários sonoros, baixando a Tobis — que é, sem dúvida, a nossa melhor casa no género — os alugueres de aparelhagem. «Eu, como já lhe disse, não temo a «crise».

— Em tempos não forneceram documentários para o estrangeiro?

— Sim. Durante anos, eu, pelo menos, vendi filmes sobre Portugal, a «U. F. A.», «clair-Jornal», «Palmé», etc. Eram, de facto, bem pagos. Aié dava gosto trabalhar. Hoje, já não sucede o mesmo, porque deixámos de receber essas encomendas.

— E conhecem os motivos?

— São bem simples. Houve uma entidade que, pondo de parte lucros materiais e tendo, apenas, em vista mostrar ao estrangeiro as nossas belezas, se encarregou da realização de pequenas películas, absorvendo, por completo, o mercado a que tínhamos jus. Evidentemente que, em preço, não podemos competir com eles.

* * *

Tínhamos chegado ao laboratório de Aquilino Mendes. É uma casa ampla, cheia de sol. Aqui e ali alguns empregados cumprem o seu dever. Descobrimos uma máquina foto-química, para legendas sobrepostas. Diz-nos Aquilino, no seu género, é a última palavra.

Falamos, depois, na criação duma cadeira de cinematografia no Conservatório Nacional.

E Aquilino deu-nos o seu parecer:

— Acho o assunto bastante melindroso para ser tratado de ânimo leve. Devemos sempre medir as nossas poses e avaliarmos os nossos recursos. Onde temos nós uma pessoa, com competência, para reger essa cadeira? Partindo da hipótese de que o cinema lucraria alguma coisa com tal disciplina, como poderiam funcionar as aulas, não havendo um mestre? Já vêm, os meus amigos, que é preferível abandonarmos tão fraca iniciativa.

Como que ligando duas ideias, Aquilino prossegue:

— Muitas vezes necessitamos dum assistente e torna-se-nos muito difícil encontrar um rapaz inteligente, trabalhador, que seja, ao mesmo tempo, um adepto sincero da arte das imagens, e esteja na disposição de trabalhar com gosto e vontade de acertar. Não compreendo o motivo porque tendo a cinematografia tantos admiradores entre a mocidade, esta não lhe dê a adesão que era de esperar. O cinema precisa dos rapazes portugueses.

«Qualquer novo que queira seguir a carreira de técnica cinematográfica, encontrará nela futuro. Lembrem-se que se trata duma indústria que hasantanos progressos tem feito e que, entre nós, tem já uma situação quasi definida.

Abandonámos o laboratório de Aquilino Mendes, meditando nas suas desasombradas opiniões.

SANTOS MENDES

E estagnar no cinema é condená-lo a arrastar um pesado fardo, tanto mais triste e fúnebre, quanto é se encerrar num ciclo vicioso.

Não vos parece que «A Oeste nada de novo», constituiu uma excelente ligação, que educou milhões de homens na ideia da Paz pelo ódio à Guerra?

Recordou-se um facto histórico, real — fez-se cinema autenticamente realista! — e ensinou-se ao homem o que constitui o horror dessa trajetória de 1914-18. O filme não era objectivamente pacifista e contudo nós sacámos do cinema, amando a Paz pelo ódio que a guerra nos inspirava.

* * *

O filme que pretende educar não necessita de trazer o rótulo de filme educativo. Deve satisfazer a curiosidade do público das salas, deve conter arte, ser comercial e educar, ao mesmo tempo que se dirigirá às grandes massas, sem ser necessário, também, que o filme seja puramente popular — o que não quer dizer que não defendamos o princípio dos filmes populares a par dos de «élites».

Não se creia que menosprezamos os filmes de selecção para as plateias escolares. Isto é outro assunto. Do que aqui tratamos é do filme educativo destinado ao público, e com o qual se pretende educar as multidões que se interessam pela sétima arte.

Paralelamente a esses filmes, consideramos igualmente os filmes culturais editados por várias casas produtoras entre elas a U. F. A. Estes filmes representam um esforço interessante de divulgação popular dos conhecimentos humanos.

Não é vasto o programa de filmes que satisfazem o critério que expusemos atrás.

Para o público português, então, esse número ainda é mais reduzido, do que a agravante de estarmos mal educados cinematograficamente e de deixarmos, por este facto, abandonar o programa dum cinema, um filme com todos os méritos artísticos, comerciais e cinematográficos, indispensáveis a um atractor acolhimento pela opinião média do nosso público frequentador dos cinemas.

Com que lástima vemos o nosso público marcar pela ausência, quando se exibem certos filmes! — É verdade que também não temos sido muito regalados com filmes deste género e a maior parte deles, com renome internacional, são desconhecidos no país.

Não se deverá isto à falta de sentido cinematográfico do nosso público, ou será que o não mimoseiam com películas que o façam vibrar e o interessem pelo verdadeiro cinema?

Crémus que há no nosso meio cinematográfico um envenenamento da opinião pública, com o falseamento do verdadeiro cinema realista, que projecta a Vida. O nosso público está virtualmente embriagado com as «Martins», as «João» e as «Eim» de ládas as «manices».

Não é — na nossa opinião — que se tenha envenenado a si mesmo; envenenaram-no!

* * *

Importa iniciar um movimento de reeducação deste público, pela cultura e a defesa do cinema autêntico.

A grande maioria dos cineastas pensa nos sorrisos das vedetas, nos seus regimes alimentares, no estilo particular do seu trabalho, é certo; nas convenções em que intimamente aspira a ayo mais.

Esse algo mais é ver a Vida projectada na tela, com todo o realismo, com toda a pujança, para se lançar no labirinto das ideias e dos sentimentos humanos e poder palpar, possivelmente, o proibir.

É este cinema que defendemos!

FRANCISCO LYON DE CASTRO

O cinema na "cidade" sem mulheres!

CONHECEM Razmak?! Estou certo de que não! Razmak é um campo inglês, no Wazerismit, em pleno deserto... Dez mil homens vivem ali, num campo, que é, por assim dizer, o maior mosteiro do mundo! Dez mil homens, novos, fortes, vigorosos, que vivem em pleno perigo, esforçando-se por manter a paz entre as tribus guerreiras Afgãs e os seus vizinhos Ilindus, do lado de lá da fronteira Norte. A estadia é de dois anos, o clima duro, a população indígena feroz e com poucos recursos. Não há vida social, não há distrações possíveis — e mulheres, muito menos... A cantina, dois ou três bars, nada mais. A vida foi monótona até ao dia em que se abriu... um cinema!

Imaginem o campo! Centenas de tendas, todas cinzentas e todas iguais. Uma parede de defesa cerca o vasto quadrilátero. Uma vedação de arame farpado rodeia tudo. Nem uma pessoa estranha. Nem sombras de animação. No inverno, depressa cai a noite — o silêncio e a proibição de sair do reduto. Todas as noites um quinto da guarnição está de guarda, porque os ataques das tribus indígenas são frequentes. E todos os homens dormem com a arma aos pés da cama.

Num tal regime de vida, o cinema foi um precioso elemento de distração!

Oh! O cinema de Razmak! Não é muito sumptuoso. Mas não conhece a crise. Tem 1.200 lugares, e está sempre cheio. Os preços são proporcionais às diversas patentes dos espectadores.

Em todas as sessões há apenas um intervalo de um quarto de hora — o tempo de tomar o chá tradicional, se se houverem invidiosos do vosso «samovar»...

Durante o intervalo, ouvem-se os discos de Grace Fields, cantora tão popular e tão querida dos Toomies que quando o «manager» do cinema trocou os discos de miss Field pelos de outra artista, o público protestou e reclamou «a sua» cantora! E venceu...

As vedetas favoritas?! Greta Garbo, em primeiro lugar. E a inglesa Jessie Matthews está vendo a sua popularidade crescer. Entretanto, Greta Garbo em «Suzana Lenox» e «Grande Hotel» obteve um êxito triunfal, a despeito das cópias dos filmes estarem riscadas e envelhecidas... À margem dos defeitos da fita, os traços físicos da artista eram suficientemente precisos para encantar os amorosos. Quando Garbo erguia os olhos, todos esqueciam a pobre película acinzentada para embarcar para o país do romance e do amor feliz.

Jessie Matthews trouxe-lhes o encanto da Inglaterra, alegre e feliz, de cada dia. Mas outras figuras reinam em Razmak: Norma Shearer, a favorita dos românticos e dos «gentlemen»; Jean Harlow a «vamp» que todos apeteçim naquele clima febril.

Irene Dunne é querida como uma boa irmã e Claudette Colbert, considerada a companheira ideal, para um passeio pelo campo.

Quanto aos homens, não interessam, a menos que façam rir como Laurel & Hardy.

O cinema em Razmak! É a maravilhosa distração de todos os dias o êto que prende 10.000 condenados às alegrias e prazeres deste mundo.

L. M.



LIL DAGOVER

O perfil gracioso e tão fotogénico de Lil Dagover grava-se indelévelmente na memória do espectador que a vê na tela dos cinemas. Lil não é só uma grande artista cinematográfica. Os seus dotes de atriz de teatro são notoriamente conhecidos. No inverno passado, trabalhou novamente no palco do «Deutsches Theater», de Berlim, interpretando a Hermione do «Conto de Inverno», de Shakespeare, numa bela encenação de Heinz Hilpert. A beleza celestial do seu perfil encanta irresistivelmente quem a vê representar. É uma linda effigie de linhas clássicas, rosto delicado, cabelo luzidio, e uns grandes olhos negros e sonhadores.

Lil Dagover aparecerá próximoamente no novo filme «Schlussakkord». Lil faz o papel da esposa de um grande maestro. Este sente-se infeliz com ela e exige a separação, contra a qual a esposa luta com todos os meios ao seu alcance. É então uma interessante e carinhosa criança que reúne os dois cônjuges e lhes abre as portas de uma felicidade, aliás diferente

daquela com a qual os dois sonhavam.

Esboçemos agora a biografia da gentil artista. Lil Dagover nasceu em Java, filha de um silvicultor alemão, num «bungalow» rodeado de palmeiras e jasmims. Daí talvez a sua beleza tão original. A família, sentindo saudades da terra, regressa à Alemanha, fixando residência na cidade de Weimar, centro da poesia e da arte dramática. É aí que Lil Dagover sente as primeiras propensões pelo teatro. A arte torna-se a sua paixão dominante. Na sua casinha de Weimar ela passa os dias solitariamente, e os seus únicos amigos são as flores e os livros. É raro vê-la sair de casa, não porque tema perder a sua beleza, mas porque à sua alma simples e meditativa convém essa solidão. A sua beleza é tal que há pessoas que se acercam de casa na esperança de verem o rostinho gentil da linda pequena. O seu aparecimento nos salões de uma família amigável foi uma verdadeira sensação. Um encenador que por acaso estava presente ofereceu-lhe imediatamente um contrato.

Lil aceitou depois de muito meditar, e acitou porque o cinema era a realização dos seus sonhos. Com oito, no seu primeiro filme, ela revelou tais qualidades que desde então as empresas passaram a confiar-lhe unicamente papeis principais.

Na sua vida privada, Lil é de uma simplicidade encantadora, que se reflecte em mil e um episódios da vida diária. Sabe-se, por exemplo, que é vegetariana e que nunca toma vinhos ou bebidas espirituosas. De manhã, levanta-se muito cedo e dá grandes passeios a pé, completamente só. E note-se que não segue este regime apenas para conservar a sua beleza mas principalmente porque condiz com o seu génio e com a sua índole, tão retraída e modesta.

Lil Dagover é uma artista cuja vida decorre sem complicações, a par de uma alegria discreta e salutar.

Berlim, Setembro de 1936.

(Especial para «Cine-Jornal»)

L. ST.

CARTA do PORTO



...que refresca, que garante a supressão do odor, afasta todo o mal estar consequente dos períodos e evita dores e inflamações, é um preparado necessário para a hygiene da mulher.

Um único ensaio assegurará a sua superioridade a de tal forma, que em casa, em sociedade, em viagem, possua ou «sport», COSMETINA se tornará indispensável.

COSMETINA não é um simples perfume cujo efficácia seria irritada.

É um cosmético da base científica absolutamente efficaz e seguro.

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

Avenida da Liberdade, 35 — LISBOA

A venda nas boas casas

EMBORA sem a grandiosidade — e, proposadamente, não escrevemos sumptuosidade — que podia e devia ter, iniciou-se já, em alguns cinemas desta cidade, a época de inverno, com todas as características que definem, que vincam, as grandes noites da temporada cinematográfica, com esse movimento que extraordinariamente veio animar o ambiente nocturno do Porto, estagnado, numa imobilidade forçada, pela força das circunstâncias do tempo.

Para completar e difundir esse movimento aguarda-se, apenas, a reabertura dos restantes salões ou a inauguração de essa grande época.

O cinema Rivoli, a despeito de dever dedicar a maior parte da temporada ao teatro — segundo está estabelecido — não deixa de inaugurar a sua época de inverno, que se verifica no próximo dia 12, com *As duas garotas de Paris*.

Salão estruturalmente popular não deixa, pela sua grandeza e comodidade, de oferecer a todas as camadas sociais o ambiente indispensável a satisfazer as exigências de todo o público, de todas as categorias de espectadores.

No São João das, ainda explorando uma curta temporada teatral, prepara-se activamente o inicio da grande temporada, não estando, no entanto, ainda resolvido qual será a data em que a sua reabertura se verificará.

O cinema Aguiã de Ouro tem, mais ou menos, marcada a data de 5 de Outubro, para recommençar a sua série de espectáculos, não se sabendo, no momento em que escrevemos, qual a produção com que será iniciada a nova estação.

Está, pois, por poucos dias a reabertura, ao público, que ansiosamente espera os novos filmes, dos salões que ainda não iniciaram a apresentação dos novos programas, o que, inevitavelmente, virá aumentar a animação que, nesta altura do ano, sempre se verifica à volta da arte das imagens animadas.

E a grande estação surge, plena de surpresas, para gáudio do público que anseia por espectáculos inéditos, e dos cinéfilos que vivem, em perene ansiedade ante os triunfos assinalados no estrangeiro e que esperam ver confirmados dentro de fronteiras.

Para quem se habituou, durante meses e meses successivos, ao borborinho da vida das casas de espectáculos cinematográficos — e há pessoas que não dispensam um só dia a sua sessão de cinema — e foi obrigada a suportar, inter-muros cidadãos, a apatia destes meses de verão, não é sem grande, sem effusante alegria, que vê animar-se, reabilitar-se, os nossos cinemas.

É, quasi sempre — nota curiosa — os primeiros filmes são vistos com uma indulgência que vai, pouco a pouco, desaparecendo, para dar lugar, com o correr do tempo e dos bons programas, a um espirito de intolância que chega a tocar as raias do barbarismo.

É sinal dos tempos. Desaparecida a «fome» do inicio, quando a fortuna vem e se podem estabelecer confrontos, então, é um nunca alabar de exigências, por vezes, quasi sempre, descabidas.

Mas, esta agitação, estas mutações, o accleramento do ritmo populacional dos cinemas e até a irreverencia de alguns, não é sinal de vida, de interesse?

Assim o sonhassemos, inteligentemente aproveitar...

Pelo preço...

Não deixa de vir a talhe de foice, neste levantar do pano, que, neste caso, é o correr da cortina. Abordar-se certas considerações acerca do sentido «critico» do nosso público, dum certa facção de público, bem entendido.

Estabeleceu-se, no Porto, entre os frequentadores do cinema, e quasi como principio dogmático, o uso desta fase lapidada que possui muito comodismo e pouca razão: «pelo preço já vi melhor...».

Atribuída, em principio aos «borlis-

tas», pessoas eternamente insatisfeitas pela simples razão de que não pagam, e por isso não podem apreciar o que custa dinheiro aos outros, generalizou-se, como epidemia daninha.

É o amigo espectador que não tem do cinema senão aquela resumida noção que lhe dá a projecção objectiva que passa no «écran», de parcourismo com a espectador cujo nivel intelectual iguala o do seu camarada, a maior parte das vezes, depois de assistir à apresentação duma obra impecável, sai-se com a já clássica frase.

É cómodo e quasi «cibica». Mas, temos de concordar que é muito infeliz, porque, muitas vezes, pelo preço tem visto apenas igual, porque melhor ainda se não fez.

Ora esse preço, esse preço que serve de balisa a essas judiciosas sentenças, mesmo para aqueles que pagam, é apenas uma pequena contribuição para os grandes encargos que sobrecarregam o espectáculo cinematográfico.

Todas sabemos que ao espectador que admira o direito de assistir à exhibição duma filme, no burquinho da hibernação, não interessa o que o filme custou ao exhibidor ou ao produtor, não quer saber o trabalho que deu ao realizador, nem as torturas que ocasionou aos artistas.

Mas nunca é demais esclarecer que Portugal é o país do mundo, onde o espectáculo cinematográfico é mais barato, e o Porto a cidade, da sua categoria, onde essa exiguidade de preço mais accentuadamente se verifica, apesar de, no nosso país, esse espectáculo estar nivelado aos melhores dos maiores centros europeus, pelo menos.

Já vêm aqueles que encham a boca com essa edificante frase «pelo preço...», não conseguem ser senão modestamente «pródigos» porque esse preço não passa dum pequena retribuição do muito que o cinema lhe dá, e tantas vezes, sem proveito, nem reconhecimento...

Nós, as empresas e o público

Neste despejar de prosa, com que entretemos há tantos anos toda a nossa vida, neste ininterrupto encher de tirinhas de papel, pode haver frases, juízos, criticas ou sugestões que não estejam de harmonia com o pensar alheio.

Hoje, devemos falar de nós, embora excepcionalmente, não convencidos estamos, e de há muito tempo, de que os nossos escritos devem ser — como o têm sido — apenas o reflexo do espirito público e do meio do que se passa.

Ora essa projecção do que se passa, pensa, diz e faz é sempre o produto de muita reflexio, muito estudo e observação.

Podem os práticos alardear o contrario do que afirmamos, e quantas e quantas vezes com multissima razão, que não poderão deixar de dar lugar à voz dos teóricos.

Apenas uma differença há que registrar-se: enquanto os práticos obedecem a maiores ou menores interesses, aliás legitimis e justos, os teóricos obedecem, simplesmente, aos ditames da sua intelligencia, em perene colaboração com o seu sentido de observação.

Isto vem a propósito de haver quem, no meio cinematográfico affirme que os jornalistas e os jornais escrevem e publicam theorias, abstracções que praticamente, nada valem.

É possível que tenham razão e não seremos nós que lhes negaremos. Apenas não sabemos que essas pessoas, quando lhes dói um braço, não recorriam ao médico, que estudou a formação e os males do corpo humano, mas, vão, pressurosos, ao primeiro carneiro, para lhes cortar o membro enfermo.

«Au ralenti...»

Esta é verdadeira e não deixa de ter a sua graça.

Num cinema a dois passos desta ci-

dade exhibia-se um documentário ante o olhar perscrutador de algumas gentis senhoras que ostentavam a sua elegancia num camarote de primeira ordem.

Súbito aparece uma cena filmada «au ralenti». Uma das senhoras lamenta:

— Que pena! Tão devagarinho! Com certeza a máquina avarion-se!...

Passados uns metros a cena repete-se e repetem-se os lamentos da galante senhora.

E andamos nós há tantos anos a pretender abrir os olhos ao público que vai ao cinema, queimando os nervos, a mocidade, o melhor da nossa energia e da nossa intelligencia só para conseguir esta coisa simples: que o público que vai ao cinema saiba ver o cinema.

CARLOS MOREIRA

BREVEMENTE

UM NÚMERO

COMEMORATIVO

do

1.º ANIVERSARIO

de

CINE - JORNAL

Percebeu Muito Tarde...



Passada a primeira emoção, compreendeu... mas muito tarde, porque foi desprezada. A tez maravilhosa e a pele muito branca da sua rival, foram disso a única causa.

se alisassem, se enrijassem, numa palavra, adquirissem uma nova aparência de juventude e a conservassem. (Veja o relatório no Jornal Médico de Viena).

É um processo de rejuvenescimento verdadeiramente milagroso o que o celebre Professor Dr. Stejskal, da Faculdade de Medicina de Viena, pôs ao alcance das mulheres, com a sua recente descoberta do Biocel. Demonstrou que a «pele pode comer» e alimentando-a com este poderoso alimento dos tecidos — o Biocel, obtido de animais muito novos — este sabedor médico, conseguiu que os rostos de 50 a 72 anos se desembaraçassem de rugas profundas,

Os direitos exclusivos de utilização do Biocel foram adquiridos por Tokalon. Use, em leves aplicações, o novo Creme Tokalon (cór de rosa). Alimento para a Pele, todas as noites, antes do deitar: alimenta e rejuvenesce a pele durante o sono. De manhã, empregue o Creme Tokalon (cór branca) não gorduroso, que suprime os poros dilatados, os pontos negros, branqueia deliciosamente a pele de 3 tons, em 3 dias, e torna-a fresca e avelludada.

A venda em todas as perfumarias e boas casas da especialidade. Não encontrando, escreva ao Depósito Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

INCOGNITO

NAS cercanias de Berlim, entre lagos de águas azuis, ergue-se uma pequena colina que em plena primavera parece um ramo de flores enorme que saída de longe o forasteiro. É uma verdadeira primavera em flor. Os últimos raios de sol fazem brilhar os metais dos pequenos vapores que cheios de alegres passageiros regressam à cidade. Entre os gigantes pilares das pontes do rio Havel vê-se ao longe o campanário da pequena igreja da ilha.

Parámos o automóvel na estrada. Um rapazinho vende-nos um ramo de flores de cerejeira. Com o ramo preso no para-brises entramos em triunfo nesta ilha florida onde os berlinenses se reúnem nos domingos de primavera. Apemo-nos no restaurante que do alto da colina domina os lagos do Havel. Os «garçons» olham para nós admirados, mas nós viajamos... incógnito. Entre o público ha também quem comece a reparar no nosso pequeno grupo; naturalmente conhecem as duas pessoas que estão comigo, mas nós, que viemos para aqui descansar depois de dez horas de trabalho constante nos estúdios, fazemos de conta que não é para nós que os olhares se dirigem. Pois se nós... viajamos incógnitos!

Saboreamos o vinho da ilha, um vinho doce, de morangos, cuja coloração não fica a dever nada à dos vinhos de uvas. Depois, comprámos um balão, fomos dos tempos de criança, e contemplando o lindo panorama dos lagos tecemos bucólicos louvores à primavera. Vêm de longe os acordes de uma harmónica. Nas barracas de tiro algumas pessoas fazem habilidades de pontaria. E nós três fartamo-nos de rir e de palrar alegremente. Em volta de nós começam a pronunciar alto os nomes dos meus companheiros, mas nós continuamos impassíveis para não descobrir... o incógnito.

É só quando a lua vem subindo no horizonte é que pensamos no regresso. A poucos quilómetros de distância o automóvel começa a coxeiar com uma epãnnie. E nós sem ferramenta no carro! Num dia de sol, ninguém pensa nestas coisas.

Finalmente aparece a salvação na pessoa de um alegre rapaz que num abrir e fechar de olhos monta o pneu de reserva enquanto vai murmurando que está sem emprego e que por isso não desgosta de lançar mãos ao trabalho. O meu companheiro dá-lhe um endereço e se fôr verdade o que ele nos contou, amanhã mesmo terá a sua colação.

Momentos depois, ao jantar, Gustav Fröhlich, o meu companheiro de viagem tem um sorrizinho de malícia, e dirigindo-se para a senhora que nos acompanha, diz-lhe estas palavras que eu não compreendo logo:

— Hansi, você sabe que o que se passou hoje connosco foi exactamente o mesmo episódio que decorre no meu novo filme *Incógnito*, em que estive trabalhando, hoje, nos estúdios.

Hansi Knoteck responde que já tinha pensado nisso mesmo. O incógnito de hoje é o mesmo incógnito do novo filme.

Cada vez compreendo menos e por isso peço explicações. Mas Gustav Fröhlich só sabe repetir que o episódio da ilha é o mesmo que se passa no filme em que ele está trabalhando com Hansi Knoteck. E como esta nova produção da Ufa se chama *Incógnito* ele acha que não deve revelar o segredo. Nós o sabemos, na estreia.

Berlim, Setembro de 1936.

R. S.

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA



Heather Angel, cuja face, de linhas puríssimas, tem a beleza das Virgens da Renascença

G I R L S

(Continuação da página 7)

filme que é assim uma espécie de «História da criação, instituição e desenvolvimento das *girls*, contada às crianças e lembrada ao povo».

Lá se verá o paralelismo e a evidência daqueles dois provérbios: «quem se deita com crianças...», e daquele outro — «quem se mele com *girls*...». Porque o Ziegfeld morreu de fome.

* * *

As praias são os cartazes de propaganda das *girls*, as «Ligas de Decência» a sua filoxera e os presidentes das Li-

gas de Decência, são às vezes os seus maiores admiradores.

* * *

Pertence às *girls* a honra da transformação mecânica mais espectacular — com o bater dos pés fazes o público bater as mãos, isto é bater as palmas.

E, já que falei em palmas vejamos lá se descobrem porque é que uma *girl* se parece com um guarda nocturno?

FERNANDO GARCIA

(Extracto digestivo dum dicionário de cinema)

O aniversário do «CINE-JORNAL»

No próximo número daremos alguns tópicos do sumário do número comemorativo do aniversário.

Terá 32 páginas, capas a duas cores, e uma colaboração sensacional, que não queremos desde já revelar.

Primará pelo seu aspecto gráfico e pela excelência da sua colaboração. A pensar nisso, «Cine-Jornal» vender-se-á ao preço habitual, de 1 Escudo.

Reservem, desde já, este número, no vosso fornecedor habitual.

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 51 — 5 DE OUTUBRO DE 1936 — SAÍ TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



★
CLAUDETTE
Colbert

“CINE-JORNAL” É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA